



Nº 17 - OUTUBRO 2020

REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS



FOTO: AGÊNCIA BRASIL

Eleições e a disputa pelo poder

Sub-representação de pessoas negras na política

Entrevista: estratégias de campanha nas periferias

AGENDA DE LUTAS OUTUBRO DE 2020



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



Eleições e a disputa pelo poder

FOTO: AFP/GETTY IMAGES



Outubro é o mês em que normalmente as eleições são disputadas no Brasil. Neste ano, em virtude da pandemia, a votação será em novembro, mas desde já as campanhas eleitorais e suas candidaturas estão nas ruas e nas redes, fazendo com que o debate sobre a disputa institucional do poder esteja na pauta do dia dos movimentos populares e de periferias.

A edição da Revista Reconexão Periferias deste mês propõe então uma reflexão sobre este assunto, pontuando especialmente questões de raça, gênero, classe e território.

Muito se ouve dizer que as periferias, que principalmente jovens das comunidades e favelas, estão distantes da política, e que o papel dos partidos de esquerda deveria ser

o de “trazer jovens para a política”. Contudo, tal pensamento é equivocado e distante da realidade, uma vez que grande parte dessa juventude tem, em graus diferentes, elaborado uma crítica estrutural à sociedade em que vivemos, pautando a importância de que a disputa do poder seja feita não só nas eleições, mas no cotidiano em que vivem.

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** ISAÍAS DALLE, JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTÓRIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ **EDIÇÃO** LÉA MARQUES E ROSE SILVA ■ **REVISÃO** ROSE SILVA ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CAMILA ROMA ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** ALOIZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, LINDBERGH FARIAS, MÁRCIO JARDIM, VALTER POMAR

Pessoas que moram nas periferias, em geral, têm uma visão bastante crítica da realidade em que vivem, pela consciência da importância das políticas públicas para suas vidas, de governos que façam o Estado presente nos territórios. E não da forma como se dá hoje, com a polícia efetivando o genocídio da população negra, mas com o Estado garantindo o direito ao acesso a creches e escolas públicas, a políticas habitacionais, a hospitais de qualidade e apoiando iniciativas de geração de renda nos próprios territórios, por exemplo.

Entretanto, esse posicionamento social passa longe de ser expresso na linguagem e na forma das organizações tradicionais da esquerda, inclusive dos partidos políticos. Nas batalhas de slam, nas letras de rap, na estética do funk, nos coletivos periféricos de mulheres negras, por exemplo, é que essa juventude apresenta suas críticas e propostas de mudanças sociais. A consciência das desigualdades estruturais

entre o morro e o asfalto, entre o negro e o branco e entre mulheres e homens é presente nessa juventude, sendo expressa das mais diferentes formas. Estas são ações que devem ser consideradas, pautadas e visibilizadas por quem se propõe a disputar institucionalmente o poder.

Nesta eleição, temos uma participação crescente de candidaturas oriundas dessa realidade das periferias, especialmente nas candidaturas coletivas para o Legislativo. É um fenômeno importante de ser avaliado, especialmente após o pleito, observando o território desses votos coletivos. Pode ser que dê sugestões de por onde os partidos de esquerda possam voltar a apostar para conseguir vitórias eleitorais. Mas, além da forma da disputa, o conteúdo a ser disputado precisa dialogar com a realidade das periferias. Realidade esta, como já dito, consciente de sua condição social, mas carente de vias institucionais que compreendam profundamente o papel

estrutural das questões de classe, raça, gênero e território como essenciais para qualquer disputa social.

O artigo de Wescrey Portes apresenta e debate alguns fatores responsáveis pela sub-representação de negros e negras no sistema político brasileiro. Na entrevista deste mês tratamos sobre estratégias de campanha eleitoral nas periferias, com dois entrevistados: Enderson Araújo, criador do coletivo Mídia Periférica, de Salvador, e Venâncio Pinheiro, coordenador da Casa de Mídia e da Rádio Insubmissa, de Natal (RN). E o perfil traz a história de vida de Dedé Teixeira e do legado petista em Icapuí (CE).

Por outubro ser o mês de celebração do Círio de Nazaré, no Pará, a revista não poderia deixar de trazer um artigo sobre ele, na perspectiva de um evento com base na religião, mas que diz muito sobre um povo que se manifesta por direitos e cidadania, não só pelo voto. ■

Raça e eleições: a sub-representação política negra

WESCNEY PORTES

WESCNEY PORTES É SOCIOLOGO, MESTRE E DOUTORANDO PELO INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (IESP/UERJ).

Os estudos sobre raça e eleições ainda são escassos e fragmentários no espaços, mas apresentam algumas informações relevantes sobre as causas desta desigualdade.

O tema da sub-representação política de pessoas negras no parlamento vem atraindo cada vez mais atenção e ganhando espaço no debate público nos últimos anos. Porém, pouco sabemos sobre os mecanismos políticos e sociais que limitam as chances eleitorais de políticos/as negros/as.

O racismo como fenômeno moderno e com influência na estratificação social brasileira vem chamando atenção de diversos setores da sociedade brasileira. Nas Ciências Sociais, diversos

estudos contribuíram para a desmitificação dos consensos sociais, políticos e acadêmicos sobre a inexistência de racismo e discriminação racial e seu impacto nas relações sociais brasileiras.

Tais estudos demonstram disparidades raciais nos padrões de mobilidade social e no acesso à educação. Soma-se a essas pesquisas um constante processo de mobilização dos movimentos negros, impulsionando uma politização da questão racial no debate público brasileiro. O ponto alto desta politização ocorre no contexto dos debates em torno das ações afirmativas raciais.

Recentemente essa politização ganhou novo impulso após diversos episódios: primeiro, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) passou a recolher as informações de raça e cor das candidatu-

ras homologadas desde a eleição de 2014. Segundo, por meio questionamento da deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ), o TSE definiu regras de distribuição proporcional do Fundo Eleitoral entre brancos e pretos e pardos. E, em terceiro, o recente ciclo de mobilizações antirracistas em decorrência do assassinato de George Floyd nos EUA.

Essa nova onda de politização da questão racial lançou luz sobre as desigualdades raciais no acesso aos espaços de representação política e para necessidade de busca por mecanismos institucionais de inclusão política de negros e negras.

Os estudos sobre raça e eleições ainda são escassos e fragmentários no espaço, mas estão apresentado algumas informações relevantes sobre as causas desta desigualdade. Do ponto de vista da oferta,

o estoque de candidaturas pretas e pardas não é significativamente inferior em relação à proporção deste grupo na população. Em 2020, pela primeira vez, após os dados sobre classificação racial passarem a ser recolhidos pelo TSE, candidaturas pretas e pardas são maioria (49,9% pretos/as e pardos/as, 47,8% brancos/as e 2,4% outras).

Ou seja, pretos/as e pardos/as conseguem se candidatar. No entanto, estão concentrados em partidos de menor porte e marginais na competição eleitoral. Partidos grandes, aqueles com maior capilaridade eleitoral, são mais fechados para candidaturas negras.

Assim sendo, por mais que exista um estoque considerável de candidaturas, essa distribuição desigual no interior das siglas pode ser uma das causas da baixa presença de negros e negras nos parlamentos.

Existe uma associação alta entre recursos financeiros arrecadados e a capacidade de uma candidatura atrair

votos, e o financiamento de campanha, especialmente, é uma variável fundamental na determinação dos eleitos. Os negros e as negras têm acesso inferior ao tempo de TV e a recursos financeiros. Além disso, quando observado o perfil das candidaturas, os pretos e pardos são aquelas que possuem recursos sociais eleitoralmente importantes – origem de classe e nível de instrução – inferior às candidaturas brancas.

No sistema eleitoral brasileiro, partidos detêm o monopólio da representação, são eles os responsáveis por distribuir os recursos públicos nas eleições (Fundo eleitoral e o tempo de

TV). O acesso desigual aos recursos controlados pelas legendas impactam diretamente na ordenação das candidaturas prioritárias em cada lista eleitoral, de modo geral com as candidaturas brancas concentrando os recursos.

São diversos fatores que produzem as desigualdade raciais no sistema político, assim, é necessário um conjunto maior de investigações para se ter mais clareza das principais causas. Todavia, é preciso buscar soluções políticas e institucionais para mitigar tais desigualdades, uma vez que a sub-representação negra é um limite da nossa democracia. ■



FOTO: JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

Estratégias de campanha eleitoral para as periferias

POR ISAÍAS DALLE



ENDERSON ARAÚJO
(FOTO DIVULGAÇÃO)

No mês das eleições municipais de 2020, a Revista Reconexão Periferias entrevista dois comunicadores populares, que falam de soluções para pedir voto nos bairros pobres e favelas. Enderson Araújo, criador do coletivo Mídia Periférica, de Salvador, e Venâncio Pinheiro, coordenador da Casa de Mídia e da Rádio Insubmissa, de Natal, confirmam que, apesar de todas as novas tecnologias, há coisas que não mudam. A presença

dos candidatos não só em período de campanha e o olho no olho ainda não foram substituídos.

Acompanhe os principais trechos da entrevista:

Reconexão Periferias:

Quero começar perguntando se há uma diferença fundamental entre a comunicação tradicional e a periférica. Nessa mesma pergunta eu já quero pedir para vocês, logo de cara, que contem alguma estratégia inovadora que vocês estão pensando e já aplicando para essas

eleições. Começo pelo Enderson.

Enderson Araújo: Então, cara, existe uma diferença entre a comunicação tradicional e a comunicação que é feita nas bases, nas periferias, que é a galera usar muito das ferramentas que estão à mão. Muitas vezes os candidatos que vêm das periferias são aqueles sem grana para fazer a campanha tradicional, com comitês, essas colagens que fazem nos carros. Então, o que sobra, e eu tenho visto muito sendo feito nas comunidades, é o uso do WhatsApp para essa disseminação de informação,



VENÂNCIO PINHEIRO
(FOTO DIVULGAÇÃO)

do que o candidato quer propor. Inclusive por conta dessa pandemia toda que a gente está vivendo, não pode estar muito próximo, fazendo grandes aglomerações, então a narrativa está sendo disputada através das redes do Whatsapp. Das redes sociais em geral, das lives que os candidatos têm feito. Aqui na Sussuarana (bairro periférico de Salvador onde vive Enderson) eu tenho observado, tenho acompanhado muito isso. Ainda existe aquela política tradicional, da troca de asfalto por voto, querer que o morador ache que porque o cara trouxe o asfalto agora na boca da eleição é o cara que a gente tem de eleger. Eu tenho visto e inclusive acompanhado candidatura jovens, que são amigos meus, oriundos de movimentos de comunicação, que estão usando muito das novas tecnologias. Lives pelo Instagram, os compartilhamentos de cards, as redes feitas no Whatsapp, as linhas de transmissão, os grupos de discussão. Formando grupos dentro da comu-

nidade para discutir por exemplo, não fazendo uma coisa geralzona, mas discutir acessibilidade, direito à cidade, ter um grupo só para isso, “ah, vamos discutir a questão racial”, então tem outro grupo que só discute isso. Então eu tenho percebido que a juventude sai muito na frente nessa eleição, porque tem inovado. A gente vem tentando há tempos né, essa galera que vem de cinco anos para cá mexendo com ferramentas de tecnologia e agora está botando em prática nas eleições. Enquanto a galera mais dura, que apostava naquele negócio da campanha política feita como sempre foi feita, sabe, só vai lá no comitê, pega o adesivo, cola no carro, pinta o muro de casa, sai com o carro de som na rua, essa turma está se batendo com uma galera que está presente nas redes. Mas tem uma coisa que ainda é muito cara, cara no sentido de que vale muito dentro da comunidade, que é o olho no olho, que o morador ain-

Formando grupos dentro da comunidade para discutir por exemplo, não fazendo uma coisa geralzona, mas discutir acessibilidade, direito à cidade, ter um grupo só para isso, “ah, vamos discutir a questão racial”, então tem grupos que só discutem isso.

da espera do candidato. A verdade do candidato. Eu tenho ajudado aqui uma candidatura e temos traçado estratégias de como chegar até o povo, como fazer essa articulação e chegar no povo, de entender o que é que essas pessoas das periferias esperam.

RP: Como fazer esse olho no olho em época de pandemia?

EA: O que a gente tenta fazer não é o candidato ir à casa das pessoas, mas é o candidato estar no local, se fazer presente, mostrar que tem atenção por aquele lugar. O que rolava muito era aquilo de pegar na mão, de ir à casa

tomar um copo de água... Agora a gente tenta fazer o inverso. A ideia é fazer com que o morador se sinta acolhido. Eu por exemplo, quando eu vou fazer entrega de quentinhas nas ruas, pra pessoas em situação de rua, a gente começou a perceber que não é a comida em si que faz aquelas pessoas ficarem alegres com a nossa presença, é a nossa atenção, é mostrar “você podem contar comigo para o que der e vier”, não é o asfalto chegando, não é mandar o caminhão de asfalto para a comunidade, é o candidato dizer “eu estou aqui para você me dizer o que é que precisa e dizer a você que eu vou voltar aqui mais vezes para atender as demandas dessa comunidade”. É mais ou menos isso.

RP: Venâncio, o Enderson estava falando do uso das redes sociais, do Whatsapp. Isso os candidatos conservadores, os candidatos de direita, também fazem. Como uma candidatura de esquerda pode se diferenciar nesse

ambiente?

VP: Olha, nós aqui estamos com duas estratégias. Temos a estratégia do horário oficial da televisão e a de atuação pelas periferias da cidade. A gente tem de demarcar o campo geográfico do candidato. Mas o diferencial nosso é que estamos usando bastante o depoimento de pessoas. Isso tem dado um resultado fantástico. O nosso candidato ali quase que não fala. Diariamente nós lançamos um vídeo com o pronunciamento do eleitor. Tem sido fantástico. Nosso candidato é sindicalista, do sindicato de supermercados. Então nós começamos dentro do planejamento a ver que era necessário trabalhar em dois campos. Na campanha passada ele trabalhou apenas o sindical. E numa série de reuniões começamos a discutir com ele que era preciso descobrir coisas importantes da vida dele e que poderia ser veiculado nas mídias, inclusive na televisão também, um outro lado dele. Ele vem de uma organização política muito fechada,

mas ele é um cara super risonho e tem atividades assim fantásticas. Tem uma ponte aqui na cidade que é a preferencial para os suicidas, sobre um rio que divide a cidade em zona norte e zona sul. Ele vai passando aqui e já conseguiu tirar uma faixa de 26 pessoas (da tentativa de suicídio). Então quando pegamos o primeiro depoimento foram surgindo outros. Ele é um sindicalista, e o slogan dele é “um filho da luta”. Quando a gente fala assim, as pessoas logo veem a imagem de um megafone, um carro de som. Nós estamos mostrando o outro lado do sujeito. Ele tem uma ação que ele não

Nós trabalhamos muito com arte: a questão do lambe-lambe como um reforço da comunicação; ninguém usa, nós usamos. Só a periferia que usa, só os artistas de periferia que usam.

dizia pra ninguém: tem os grandes casamentos aqui na catedral, e ele tem um grupo de amigos que vão, colhem essas flores dos casamentos e distribuem na periferia da cidade. E nós estamos colocando esse outro lado dele, numa tentativa de ampliar a votação dele. E a possibilidade de mostrar isso só nessa mídia alternativa, mesmo. Nós trabalhamos muito com arte: a questão do lambe-lambe como um reforço da comunicação; ninguém usa, nós usamos. Só a periferia que usa, só os artistas de periferia que usam. Então temos a estratégia para a mídia oficial, no primeiro programa ele vai se colocar como sindicalista, vai falar da questão sindical, que é justamente para esses votos que ele já tem pela trajetória dele. No segundo, virá a questão da passagem de ônibus. O nosso candidato a prefeito está falando no passe livre. E nós, da Casa de Mídia, temos militantes deste setor, um dos maiores movimentos de nossa cidade, e queremos dialogar com esse tema.

O terceiro programa de televisão, que já está gravado também, será sobre o parque da cidade, o Parque da Alegria, que é direcionado para o circo, para a diversão e para os povos nômades, os ciganos, que lá acampam, e para a realização de shows também. Montamos então duas estratégias, uma para a mídia oficial e outra para a mídia alternativa, onde entramos com muita arte.

RP: A questão das fake news, especialmente aquelas fake news baseadas no ódio, no ressentimento, como enfrentar isso? Há alguma técnica que tenha dado resultado?

EA: Então, a direita usa o Whatsapp de uma forma bizarra, a gente sabe como é o esquema subterrâneo deles, enquanto nós, da esquerda, a gente discute muito antes de passar adiante alguma informação, e esse compartilhamento fica represado ali, não ganha uma massificação. E aí a gente perde muito o timing da notícia muitas vezes né.

Por exemplo, os 600 reais, o presidente ganhou todos os louros por uma luta que era uma coisa que ele queria barrar inclusive, que ele não queria que acontecesse.

RP: como é que se faz isso Venâncio?

VP: Não dá pra ir no confronto direto com eles. Nessa questão dos 600 reais nós pegávamos uma manchete e dizíamos: “a mentira tem perna curta”. Pegávamos a manchete e discutíamos como o processo se deu. O nosso trabalho tem sido com muita poética, muito colorido, com

O jovem está conectado, mas está produzindo o quê? Que tipo de comunicação? Então a gente tenta fazer com que esses jovens produzam, sejam produtores de conteúdo, não somente que recebam mensagens e repassem adiante, mas que sejam formadores de opinião

muita arte. É assim que a gente se contrapõe. E quando surge um problema assim (fake news), a gente devolve (pelas mídias sociais), com uma referência da imprensa, um documento.

RP: Conte um pouco como tem sido o trabalho do Mídia Periférica neste tempo todo desde que foi fundado.

EA: O Mídia Periférica já tem dez anos de caminhada. A gente chegou num momento em que acabou perdendo os braços, começamos fazendo tantas coisas que tivemos de dizer “espera aí vamos reorganizar”. Hoje nós fazemos trabalho social. Mas também queremos ajudar a formar o que se chama na direita de exército, né? Como é que a gente pega essa galera aqui e forma, a partir de dispositivos que ela tem – a partir do Instagram, a partir do Facebook, a partir do Whatsapp – novos formadores de opinião. O jovem está conectado, mas está produzindo o quê? Que tipo de comunicação? Então a gente

tenta fazer com que esses jovens produzam, sejam produtores de conteúdo, não somente que recebam mensagens e repassem adiante, mas que sejam formadores de opinião. A gente tá nesse processo agora, temos um espaço onde a gente quer é fazer com que esses jovens tenham um lugar onde possam criar uma espécie de laboratório. A gente deu o nome do LabFavela. Eu tiro por mim. Eu não tinha computador, não sabia mexer em computador, aí ia para a lanhouse e montei um site e fui aprendendo sozinho a mexer ali. Então fico imaginando quantos outros jovens que se perdem no meio porque não têm acesso à internet, não tem acesso ao computador. Eu vi outro dia um moleque na rua da minha vó segurando uma caixa de picolé. Eu disse a ele: “E aí, tem picolé?” Que picolé que nada, era um ar-condicionado. O moleque colocou duas ventoinhas de CPU, uma de cada lado, conectadas numa bateria pequena. Durante o dia ele coloca-

va seis garrafas de água no congelador e à noite usava como ar-condicionado. Sabe, há as potencialidades dentro da comunidade, mas o moleque, se não tiver os caminhos abertos, as oportunidades, ele vai se perder.

RP: Venâncio, como são os projetos da Casa de Mídia e da Rádio Insubmissa?

VP: Muitos dos projetos a gente consegue fazer graças a parcerias com artistas e professores amigos. Nós temos um

E aí a nossa conversa é sempre fazendo com que as pessoas entendam que o melhor candidato não é aquele que bota asfalto, não é aquele que bota a luz no poste porque é época eleitoral, mas é aquele candidato pra quem isso de alguma forma isso faz parte do processo de empoderar a comunidade

projeto cultural que é um dos maiores da cidade, que é o Dia Nacional da Poesia, realizado dentro da maior feira da Grande Natal. Temos outros projetos, como o “Meu Quintal” (que estimula a troca e a comercialização dos produtos que moradores de Natal plantam e colhem em seus quintais), que eu acho algo inédito e que inclusive tem ajudado em nosso sustento financeiro.

RP: Essa convivência, essa proximidade dos coletivos de comunicação com os bairros, com as pessoas, ajuda na hora de fazer campanha eleitoral?

EA: Ajuda de uma certa forma porque como a gente é daqui se torna um pouco essa referência que as pessoas buscam. Elas sabem que a gente não faz em troca de nada. Nossas ações são ações políticas, mas não são ações partidárias. Então as pessoas sabem das verdades que a gente traz em nossas ações, então quando chega a época política aí sempre rola aquela troca de conversa: “Quem é o melhor candidato?” E aí

a nossa conversa é sempre fazendo com que entendam que o melhor candidato não é aquele que bota asfalto, não é aquele que bota a luz no poste porque é época eleitoral, mas é aquele candidato pra quem isso de alguma forma faz parte do processo de empoderar a comunidade. E quem faz campanha não é a Mídia Periférica, é o Enderson.

RP: Essa proximidade dá muito mais credibilidade, suponho, porque as pessoas conhecem vocês, sabem a trajetória de vocês. É isso mesmo, Venâncio?

VP: É isso mesmo. Nós temos aqui um ponto que é o seguinte: um compromisso com a pauta progressista, do movimento popular. A gente não abre mão disso. Temos gente que se diz comunista, socialista, anarquista. Tanto que no núcleo da feira onde trabalhamos, 90% defendem o Lula Livre. Nós temos um bonecão aqui; se você levar para uma feira livre um boneco do Lula gigante, isso não causa problema com

O que eu acho que está faltando no PT é o núcleo de base, é essa militância voltar pro bairro. As pessoas escutam. As pessoas te respeitam quando você tem um trabalho.

a comunidade, inclusive aproxima pro diálogo. Eu acho importantíssimo ter esse posicionamento. Então é o seguinte, Casa de Mídia é horizontal e plural, mas desde que se encaixe no campo progressista, no movimento popular. Eu acho que esta questão de saber conversar e o respeito facilitam demais. O que eu acho que está faltando no PT é o núcleo de base, é essa militância voltar pro bairro. As pessoas escutam. As pessoas te respeitam quando você tem um trabalho.

RP: Muito obrigado a vocês. Peço que deixem suas considerações finais.

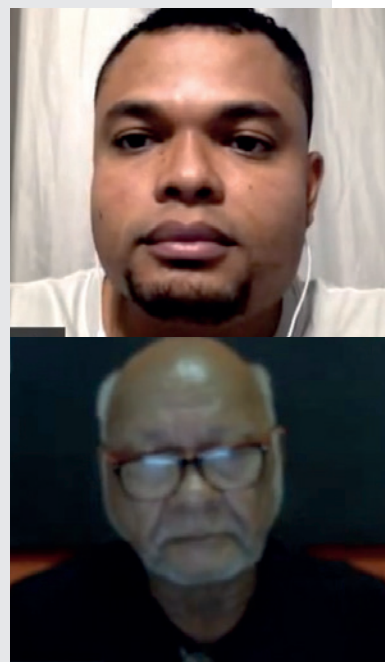
VP: Quero deixar umas dicas. Para ter sucesso nas eleições no bairro, não

E existe um mecanismo fantástico chamado F.O.F.A, que mostra os aspectos negativos e positivos daquele cara que está concorrendo (a sigla reúne as palavras forças, oportunidades, fraquezas e ameaças, dando nome ao método de análise de gestão). Dá uma procurada na internet. Funciona mesmo.

basta só isso que a gente falou aqui. É preciso planejamento, você ter uma equipe, um coordenador, uma equipe de comunicação, alguém responsável para fazer a ligação do candidato com as lideranças da comunidade. Você tem que cuidar da questão jurídica. E uma coisinha superimportante: a logística. E quem faz uma boa campanha não é a equipe de comunicação, é o bom candidato. A comunicação só vai pensar o que é que precisa aparecer. E existe

um mecanismo fantástico chamado F.O.F.A, que mostra os aspectos negativos e positivos daquele cara que está concorrendo (a sigla reúne as palavras forças, oportunidades, fraquezas e ameaças, dando nome ao método de análise de gestão). Dá uma procurada na internet. Funciona mesmo.

EA: Eu quero agradecer. Acho que temos de fortalecer as bases, lógico, a esquerda ainda precisa voltar e muito, como o Venâncio disse, pra dentro das comunidades. É uma ausência visível. A esquerda não está presente, e a pauta da esquerda não está presente. O caminho pode ser esse, de ações sociais como o Mídia Periférica, como a Casa de Mídia e como muitos outros que acontecem nas periferias pelo Brasil. E acho que o Reconexão Periferias tem um importante papel, fazendo esse diálogo, trazendo pra perto. Fazendo a verdadeira reconexão, que é ouvir e entender o que a periferia quer, e não enfiar goela abaixo a pauta. ■



E acho que o Reconexão Periferias tem um importante papel, fazendo esse diálogo, trazendo pra perto. Fazendo a verdadeira reconexão, que é ouvir e entender o que a periferia quer, e não enfiar goela abaixo a pauta.

**ASSISTA À
ENTREVISTA
NO YOUTUBE**

Círio de Nazaré: a força da crença e da fé pai d'égua

MARIA DE FATIMA MATOS

O Círio de Nazaré coloca à prova a santa padroeira, com a realização dos tão esperados milagres, superando a ausência de direitos à cidadania do povo tão sofrido da nossa Amazônia Paraense.

A procissão reúne centenas de pessoas, pretos, brancos e amarelos. Segundo o quesito raça, de situação econômica, diferenciada por ricos, milionários, pobres e extremamente pobres, levados por sentimento de crença e de fé, de várias regiões do Pará e dos outros países de origem religiosa católica.

A festa se inicia na sexta-feira, com uma apresentação do auto do Círio, onde artistas do teatro, música e outras expressões artísticas que



FOTO: JEAN BARBOSA - STEUR/PARÁ

encenam espetáculos com temática relativa às questões sociais. No sábado pela manhã acontece a procissão fluvial que percorre dezoito quilômetros nas águas grandes da baía do Guajará, saindo do distrito de Icoaraci, com embarcações enfeitadas a caráter para homena-

gear a padroeira do Pará, com chegada na Praça Pedro Teixeira (escadinha do cais do Porto). Após a chegada da romaria fluvial, é realizada a dos motociclistas. A caminhada da transladação leva a imagem à Catedral da Sé, sendo feito o percurso inverso. A primeira romaria fluvial

MARIA DE FATIMA MATOS
É EDUCADORA SOCIAL DO CENTRO DE ESTUDOS E DEFESA DO NEGRO DO PARÁ (CEDENPA) E DA REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

foi realizada em 1986, e posteriormente foi criada a lei estadual nº 4.371/ dez/1999, proclamando a virgem de Nazaré, padroeira do Pará, Rainha da Amazônia.

O domingo do Círio inicia com a missa às 5h da manhã, com a procissão e a berlinda saindo com a santa em romaria às 6h. O colorido da berlinda sempre com flores maravilhosas, o carro dos anjos representado por crianças mostrando a fé, os leva aos sacrifícios físicos, olhares e vozes em prece suplicando pedidos no calor da multidão. Seriam muitas linhas a descrever, a beleza de cada expressão vista e sentida por mim aqui observadora do Círio de Nazaré, na beleza das fitinhas coloridas, objetos em cera jogadas dentro dos carros dos milagres, cruzes levadas nas costas, pessoas pagando penitências de joelhos em todo o caminhar da procissão, melancias na cabeça, doação de água em grande quantidade pra amenizar a sede, casas em

madeira simbolizando os pedidos dos romeiros.

A passagem das estações sacras representada por belíssimos estandartes coloridos e cantos religiosos exaltando a virgem de Nazaré, farta doação de leques e de abanos com mensagens religiosas, a passagem da corda carregada por corredores humanos na disputa que foge ao simbolismo religioso, levando à exaustão pelo milagre a alcançar, pedidos de passar nas universidades públicas, cura de doenças, pedidos amorosos e tudo o mais que levam seres humanos, em sua crença e fé. Então me pergunto se em nosso país, em toda a diversidade que apresenta, fossem garantidos os direitos humanos a partir de suas necessidades sociais, políticas, civis, culturais, econômicas e ambientais, estaríamos transferindo à santa padroeira tais poderes de transformação social, entre tantos anseios voltados ao domingo do Círio, pela maioria dos paraenses e demais que

participam de tão grandiosa festa.

Como grande final, a degustação da gastronomia paraense: a famosa maniçoba, pato no tucupi, arroz paraense, creme e bolos de cupuaçu, bacuri, suco de murucí, taperebá e o tacacá, sempre presente nas nossas vidas às duas horas da tarde depois de uma chuva torrencial.

Minha observação nada mais é do que constatar que o Círio de Nazaré, para além da crença e fé, coloca à prova a santa padroeira, com a realização dos tão esperados milagres, superando a ausência de direitos à cidadania do povo tão sofrido da nossa Amazônia Paraense.

Neste ano de 2020 iremos nós, em meio à pandemia. Continuaremos orando e clamando virtualmente, crendo e tendo fé de que o futuro do Brasil será democrático.

Vós sois o lírio mimoso

Do mais suave perfume ■

Dedé Teixeira e o legado petista em Icapuí (CE)

POR ISAÍAS DALLE

Santos, Porto Alegre, Diadema. Cidades que costumam ser lembradas pela militância petista como expoentes das primeiras experiências de inclusão social promovidas por prefeituras eleitas pelo partido. Mas é importante incluir a cidade de Icapuí, no litoral cearense, nessa lista de municípios pioneiros.

A segunda metade dos anos 1980, um grupo de jovens estudantes passou a nutrir o sonho de ver o velho e esquecido distrito tornar-se uma cidade. No embalo desse sonho teve início uma experiência de mais de duas décadas, que projetou Icapuí no cenário internacional. Políticas públicas,

especialmente na área de educação e saúde, foram premiadas e reconhecidas até mesmo por adversários.

Dedé Teixeira, pouco mais de um menino à época que marca o início desse sonho, fala sobre a experiência à *Revista Reconexão Periferias* de novembro, toda dedicada ao tema eleições. Numa triste semelhança com o cenário nacional, ele conta que Icapuí sofre hoje uma espécie de revanche

direitista, com o desmonte daquilo que já foi motivo de orgulho e bem-estar. No afã do retrocesso, os atuais administradores chegaram até mesmo a queimar documentos e fotos que faziam parte do acervo da prefeitura e que atestavam os bons tempos. Mas Dedé avisa: o PT vai voltar a Icapuí.

Acompanhe:

Reconexão Periferias:

Bom dia. Estamos aqui



FOTO: PLO, JR. (ALEC)

PERFIL DEDÉ TEIXEIRA

com o companheiro Dedé Teixeira, geólogo de formação e ex-prefeito de Icapuí, no Ceará. Ele vai conversar conosco para a sessão Perfil da *Revista Reconexão Periferias*.

Como vocês sabem, Reconexão Periferias é um projeto da fundação Perseu Abramo.

Bom dia, Dedé, tudo bem contigo? Seja bem-vindo.

Dedé Teixeira: Oi bom dia. Prazer mesmo estar falando com vocês. Este é um momento extremamente importante para todos nós, raro pro povo brasileiro. Momento de desafios, mas com certeza construindo sonhos, fazendo a cidadania que a gente quer pro nosso povo.

RP: Eu queria que você contasse um pouco como foi sua infância, como que eram seus pais, sua família. E que depois você contasse para nós como é que você despertou para a política, o que fez você se interessar por essa coisa da organização coletiva, participar de algum movimento.

DT: Eu acho que minha infância foi muito tranquila no interior do Ceará, na cidade de Icapuí, onde eu nasci. Minha mãe era professora, na época da Sudep (Superintendência da Pesca, criada em 1962) por muitos anos, mais de 25 anos lecionando para filhos de pescadores de Icapuí. Icapuí é uma cidade que tem sua principal economia focada na pesca, mais recentemente na pesca da lagosta. Pesca artesanal que gera oportunidade e renda. Eu nasci numa casa de mãe professora, meu pai era dono do cartório de registro civil. E, além disso, também tinha uma pequena propriedade de 52 hectares, criava uma vaquinha, enfim nasci e me criei nos primeiros dez anos acompanhando meu pai nessas atividades. Com 10, 11 anos, nós tivemos que ir morar em Aracati, que é a cidade vizinha. Nós éramos distrito de Aracati. Pra estudar, porque Icapuí não tinha escola além do quarto ano primário. Foi feito um esforço muito grande, minha mãe por

ser professora, então nós fomos morar em Aracati. Só os filhos, eu e mais quatro irmãos e irmãs, né, pra poder estudar. Minha mãe fez um esforço muito grande – recompensado, lógico.

RP: Sua mãe teve de interromper a atividade de magistério para acompanhar vocês?

DT: Não, ela continuou. Aliás, ela passou 22 anos ensinando os pescadores sem remuneração. Depois, se aproximando de 25 anos em que ela lecionou, ela e mais quatro professores em Icapuí, é que isso foi reconhecido pelo governo federal e ela foi contratada, faltando alguns anos para se aposentar. Aracati fica distante 54 km de Icapuí e ali começamos nossos estudos no Colégio Marista de Aracati. Colégio de formação religiosa né, uma congregação de irmãos que tem em todo o Brasil. E assim nós estudamos, ficamos lá até irmos para Fortaleza. Exatamente com o intuito de os filhos estudarem e terem uma outra oportunidade. Minha mãe enxergava que muitos dos

meus amigos que nasceram e tiveram a infância e adolescência juntos não puderam fazer isso. Poucas famílias de Icapuí tiveram essa visão e fizeram um esforço tremendo para colocar os seus filhos pra estudar. A grande maioria, por falta de oportunidade, ficou como pescador ou outra atividade. Somos seis filhos, três homens e três mulheres. Todos foram estudar e cinco se formaram. O sexto não se formou porque foi uma opção dele, foi trabalhar aí e não se formou. Então, esse foi primeiro momento importante: foi na ida a Fortaleza para fazer já o terceiro ano científico e se preparar para o vestibular que a gente começou a despertar para o abandono da nossa Icapuí. Distrito distante a mais de cinquenta quilômetros da sede, abandonado, onde só ia acontecer alguma coisa nas vésperas de eleição. Nós começamos a nos incomodar com isso. Já ali com 17, 18 anos, estudando em Fortaleza, comecei a despertar para a política. Por isso juntamos vários jovens que

tinham ido, feito todo esse périplo para estudar fora, sofrendo todas as dificuldades do mundo, morar na casa de parentes ou de amigos, e começamos a discutir por que, nossa comunidade, nosso distrito era tão abandonado. Surgiu daí, no início dos anos 1980, a gente já entrando na universidade – em 1981 eu entrei na Universidade Federal do Ceará, no curso de Geologia – e ali comecei a despertar, e a me engajar no movimento estudantil da época, mas também com o olhar para nossa cidade, para o abandono da nossa cidade, para a falta de políticas públicas. E aí começamos a organizar. Existia uma associação dos universitários de Aracati, e ali foi todo um laboratório de discussão. Discutindo política mesmo. Em 1982 um dos amigos, que é o José Airton, que também seria prefeito de Icapuí e que hoje é deputado federal, candidatou-se a vereador pelo distrito de Icapuí, e nós, jovens, abraçamos essa candidatura com essa marca: o abandono de Icapuí, uma candidatura de um jovem

universitário como nós. Isto pela primeira vez pelo PMDB.

RP: Dedé, pelo que você conta, essa candidatura a vereador lá pelo distrito de Aracati é uma espécie de mandato coletivo, que hoje está na moda, né? E aí neste mandato vocês começam a lutar pela emancipação de Icapuí.

DT: O município havia conseguido sua emancipação em 1958, veio o golpe militar e extinguiu todo o processo. Foi anulado porque demorou muito a instalação. Então já tinha esse movimento. Inclusive nós nos acercamos muito do doutor Orlando, que na época era jovem como nós e que liderou o processo de emancipação de Icapuí, junto com outros jovens que haviam vindo pra Fortaleza estudar. Nós reiniciamos todo o processo junto com uma forte mobilização popular que culminou em 1984 na emancipação. Foi um movimento popular muito forte. O próprio prefeito de Aracati era contra, tanto que fez uma campanha contra. Foi uma disputa acirrada. Isso gerou

Viramos referência em política pública. Nós recebíamos visitas do Brasil inteiro e de instituições internacionais. Fomos a muitos países defender o legado de Icapuí.

um grande movimento popular da cidade, que se transformou depois de emancipada. Dois de janeiro de 1984 foi a data do plebiscito na cidade, e a instalação do município foi no dia 15 de janeiro de 1985. E a eleição foi em 15 de novembro de 1985. Naquele ano houve eleições nas capitais, depois da redemocratização, e viramos município a partir do mês de janeiro de 1986. E o Airton, que liderou o processo e era vereador do Aracati, virou o primeiro prefeito, ainda pelo PMDB. E em 1987, ele já prefeito, eu estava secretário de Comunicação, Turismo e Esportes e fomos para o PT, no início de 1987. Eu fui candidato a prefeito de 1988 já pelo PT. Todo o processo de

construção da cidadania, educação para todos. Nós fomos reconhecidos depois em 1991, com o prêmio Nacional do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) por termos colocado todas as crianças na escola. Já em 1988, 1989, todas as crianças de Icapuí estavam na escola. Só dez anos depois o governo federal reconheceu o trabalho de Icapuí e iniciou o projeto de todas as crianças na escola.

RP: Esta foi uma marca do teu primeiro mandato, colocar todas as crianças na escola. Qual outra lembrança marcou este período, quando você foi prefeito pela primeira vez?

DT: Olha, a partir de 1989 nós demos continuidade ao trabalho que foi do José Airton e avançamos logo após a Constituição de 1988. Nós fomos o primeiro município a construir o Plano Municipal de Saúde que a Constituição tinha denominado. A descentralização da saúde. O Odorico Monteiro foi nosso primeiro secretário de Saúde – depois ele virou secretário de Quixadá,

de Sobral, em Fortaleza e foi deputado federal – era um militante. Nós fizemos de Icapuí um laboratório, com experiências inovadoras nas áreas de educação e saúde fantásticas em todos os sentidos, construindo políticas públicas. Eu me lembro de uma coisa importantíssima: o mapeamento, um diagnóstico da cidade via saúde. Todo o posto de saúde nós regionalizamos aqui no município, oito postos de saúde. Cada posto de saúde cuidava da saúde das famílias daquela região. Nós fizemos um diagnóstico de cada família: um envelope que tinha e nós captamos informações daquela família. Quantas pessoas eram daquela família, qual a situação de moradia – se a casa era de taipa, se tinha piso, banheiro, qual a renda daquela família. Quer dizer, fizemos um diagnóstico da cidade. A partir dele construímos as políticas públicas focadas na saúde, na concepção do SUS. Até o Odorico lançou um livro, “Saúde em Município de Pequeno Porte”, que virou uma referência. A partir daí, parto humanizado,

parcerias com muitas instituições, com universidades. A gente pegou e inovou, com determinação, vontade política e transparência administrativa, participação popular, orçamento participativo. Foram esses ingredientes os princípios norteadores das gestões de Icapuí e que renderam centenas de prêmios, inclusive internacionais. Viramos referência em política pública. Nós recebíamos visitas do Brasil inteiro e de instituições internacionais. Fomos a muitos países defender o legado de Icapuí. Porque quando o Unicef descobriu que em Icapuí – um estudo de 1990 com as crianças do litoral do Ceará – era uma coisa absurda: as crianças de Icapuí eram diferentes. Elas tinham uma outra visão das coisas. Aí o Unicef foi ver o que estava acontecendo em Icapuí e viu uma transformação que nós fizemos pela educação. Nós colocamos microfones em Icapuí e alto-falantes no mundo inteiro para dizer que uma cidade pobre no Ceará, do Nordeste, colocou toda a criança

na escola e além disso fez a diferença. Elaboramos uma cartilha didática na Comunidade da Redonda que foi feita dentro da realidade. Em vez de você mostrar uma maçã, uma pera numa escola, porque não mostra a lagosta, o peixe? Fizemos inovação na forma, com uma visão emancipatória do Paulo Freire que norteou nosso conceito de educação. As pessoas foram vendo a revolução que no município vizinho a criança era diferente. Por quê? Nessa adversidade, numa cidade pobre... Aí foi um prêmio nacional; nós concorremos com a Globo, com outras instituições. O prêmio Criança, Paz e Educação foi dado a Icapuí. Dez anos depois o Fernando Henrique chamou Icapuí pra participar do movimento Toda a Criança na Escola. Elevar a cidadania, a autoestima, foi este o legado de Icapuí.

RP: Você foi estudar geologia. Por que você escolheu este curso? E a política te fez mudar de planos?

DT: Olha, eu confesso que até entrar na univer-

sidade, eu não palpitava nada sobre essa questão política. Era um adolescente como outro qualquer. No primeiro ano eu já estava envolvido com centro acadêmico; comecei a gostar do negócio. Em 1981 fizemos muitas greves em universidades, históricas. Somada a isso há toda uma visão da cidade, da nossa terra, valorizar nossa terra, e começamos a fazer esse movimento. E as pessoas que procuraram Fortaleza pra estudar, famílias grandes, “vamos juntar esse povo, vamos ver o que é possível fazer por Icapuí”. E isso é importante: eu fiz geologia influenciado por um professor de geografia do colégio Farias Brito em Fortaleza, Carlos Lima. Eu gostava muito de geografia, ele era geógrafo, e eu me apaixonei. Quando eu concluí o curso eu já estava na política. Um pé aqui e outro lá. Quando eu coleei grau eu já era prefeito. Eu fiz um trabalho sobre a qualidade e a quantidade de água de Icapuí. A água subterrânea. O meu relatório de graduação era sobre isso. Juntei muita gente,

PERFIL DEDÉ TEIXEIRA

fizemos o mapeamento da água, a qualidade. Fiz um mapeamento da cidade.

RP: Eu queria que você contasse pra gente como é sua vida hoje. Depois que você foi prefeito por duas vezes, como foi se encaminhando sua vida?

DT: Fiz o primeiro mandato até 1992, e aí foi o auge de Icapuí. E logo em 1993, uma pessoa que foi secretário do Estado, o Carlile Lavor – foi o mentor e idealizador da criação do programa agentes comunitários de saúde. Ele foi eleito presidente da Associação dos Prefeitos do Estado do Ceará em 1993 e me convidou pra ser o secretário dessa associação. Aí tinha o nome, Icapuí estava na moda. Tem uma foto na *Veja*, de 1992, eu sentado no muro da minha casa, que é uma esquina, que nós colocamos a prestação de contas na parede, lá. Como que é dentro da prefeitura e quanto é gasto lá, gasto mês a mês. Aquilo virou um ponto turístico. Hoje isso é uma obrigação dos prefeitos, prestar contas. Eu me lembro dessa foto, na cadeira e de camisa vermelha –

acho que a *Veja* ainda não tinha raiva do PT.

RP: Eu lembro dessa foto...

DT: Saiu em jornais do mundo inteiro... Depois outras prefeituras copiaram. Aí fiquei este tempo na Associação, de 1993 a 1996. E voltei a ser candidato. Fui prefeito pela segunda vez. E depois fui reeleito em 2000. E então Cid Gomes reconheceu o trabalho que a gente vinha fazendo em Icapuí. Em 2004 perdemos a eleição, depois de vinte anos. Aí tem um elemento complicado. O José Airton, nosso primeiro prefeito, resolveu se aliar à família dele. Ele brigou muito com a família, que era PSDB e tal, mas resolveu se aliar com o irmão dele, que era meu vice, e derrotou o PT. É um processo que até hoje é muito arranhado. O Lula é puto com isso, porque ele sacaneou o PT mesmo. Perdemos, ele foi reeleito e então foi cassado. Ele destruiu as políticas públicas. Ele destruiu tudo. Aí em 2004, o Lula me convidou pra ir para

o Ministério da Pesca, como assessor especial do ministro. Voltei em 2006 pra ser candidato a deputado estadual. Fiquei na suplência e depois assumi o cargo, em 2006. Depois fui reeleito deputado estadual e fiquei até 2014. O Camillo Santana foi eleito governador e me colocou pra ser secretário de Desenvolvimento Agrário. Fiquei de 2015 a 2018. Saí pra ser candidato, e houve uma perseguição política grande aos petistas. Houve um problema no Tribunal de Contas da União (TCU) e eu fui impedido de ser candidato, faltando 15 dias, me negaram o registro. Aí Camilo me chamou para ser secretário de Recursos Hídricos, uma coisa que eu gosto, que é da minha área. Fiquei até o final do ano passado. Aí ele me chamou pra articular o escritório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) aqui no Nordeste. Veio a pandemia e parou tudo. Mas queremos retomar. A FAO poderia nos ajudar a pensar em como ven-

cer a desigualdade, um projeto para o Nordeste protagonizar o combate à desigualdade depois da pandemia. E estou ajudando neste momento as candidaturas a prefeito aqui na região.

RP: Sobra tempo pra cuidar da vida pessoal? E, pra terminar, essas perseguições de que você falou: ainda vale a pena, apesar das injustiças?

DT: Esse envolvimento com a política tá no sangue da gente. Eu acho que eu herdei isso, meu pai era um pouco político. Eu sou muito vocacionado a isso. As injustiças são coisas que a gente encontra né, mas é um desafio importante construir um Brasil diferente para a população. Esse legado que nós construímos não é uma tarefa fácil com toda essa elite, a mídia nacional contra. Isso é para mim é um elemento muito importante. É um desafio associado um pouco a tudo isso, retomar Icapuí, recolocar no rumo certo para dar condições àquela população jovem, com voca-

É um desafio associado um pouco a tudo isso, retomar Icapuí, recolocar no rumo certo para dar condições àquela população jovem, com vocações nada aproveitadas. O governo que tem lá não enxerga as pessoas, não sabe o que é capital humano, não tem projeto social de inclusão, é só uma visão de negócio, de corrupção. É um negócio que fere muito a gente.

ções nada aproveitadas. O governo que tem lá não enxerga as pessoas, não sabe o que é capital humano, não tem projeto social de inclusão, é só uma visão de negócio, de corrupção. É um negócio que fere muito a gente. Ver que a gente construiu aquilo com tanto zelo, com tanta determinação, que virou um

símbolo da luta do povo, da autoestima do povo, e agora ser destruído. Aí me move muito, tanto que eu tenho uma perna aqui em Fortaleza e outra em Icapuí. Eu vou toda a semana, eu não abro mão disso, é uma questão de honra, parece, a gente retomar aquilo. Aí às vezes sobra pouco tempo para a família. Tenho dois filhos, um do primeiro casamento, ele tem 24 anos e acabou de se formar em odontologia, começando a trabalhar, ralando, né. E a outra 16 anos, da segunda mulher que eu vivo. Sobrou pouco tempo pra elas, eu sei que eu não sou aquele pai total. Mas eu gosto do que eu faço. Gostaria de ver um Brasil melhor nos próximos anos e uma Icapuí, que vem regredindo desde 2004. Isso me fere muito. Eu sou de lá e quero voltar a morar em Icapuí. Isso, associado a um projeto cidadão, um projeto de desenvolvimento das pessoas, é meu remédio. Por isso todo o nosso esforço para retomar Icapuí. Temos candidatos novos, renovação. Esse é meu sonho, entendeu? ■

AGENDA DE OUTUBRO DE 2020

Tendo em vista a necessidade de permanecer em casa devido à pandemia mundial de Covid-19, a agenda deste mês será destinada à divulgação de programações online:



Programa Reconexão Periferias na tvPT

Toda terça-feira, às 19h (horário de Brasília).

tvPT - programas sobre coronacrise, economia, política e muito mais

De segunda a sexta-feira, às 11h e às 19h (horário de Brasília).

Rádio Comunitária "A Voz das Comunidades" 87,9FM

na página do Facebook e no aplicativo <https://www.facebook.com/radiocomunitariaavozdascomunidades87.9fm>. Programações diárias das 6h às 20h (horário de Manaus).

Programa Camisa de Força

temas do cotidiano pontuando sempre o Hip Hop e a diversidade cultural, no instagram @gangster976. Diariamente.

Live Morhan na Quarentena

assuntos de interesse das pessoas com hanseníase e temas relacionados à pandemia, na página do Facebook "Morhan Nacional". Toda terça-feira, às 18h.

Live da Feira das Manas de Palmas

no instagram @feiradasmanaspmw
Toda sexta-feira, às 20h.

Live "Vamos falar de cinema negro?"

no instagram @coletivocoisadepreto
Toda quinta-feira, às 17h.

Podcast Rede Mães de Luta

no canal do [YouTube](#) e no Spotify.
Programações quinzenais.

Live Ativa - Arte e Educação

no perfil <https://www.facebook.com/ativacaoculturalascolas/>
Toda quarta-feira, às 15h.

Live H2 BLACK 20 de Novembro

no perfil <https://www.facebook.com/H2black.official> . 24 de novembro, às 15h

Canal Combate pelo Socialismo

com diversos programas semanais, incluindo o "Foco na Perifa" toda terça-feira. [Acesse aqui](#)

Parte 1 da Produção do Projeto Obirin "Feminina Moda Negra" - Associação de Arte e Cultura Negra Ara Dudu

Disponível [aqui](#).

3ª Edição do Salve Arte Festival - dias 23 e 24 de outubro

Transmissão em: <https://www.salveartefestival.com> e [YouTube](#)

Grupo de Danças Urbanas e Modernas Dance2star

aulas online de segunda a sexta-feira.
Instagram: @dance2star e
WhatsApp: (51) 98509-0497

Exposição virtual "Olhares sobre Lentes Dançantes", do espetáculo A Dança dos Orixás, da Cia. de Dança Afro Daniel Amaro, no Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense. Disponível em: <http://museuhistoricobpp.com.br>

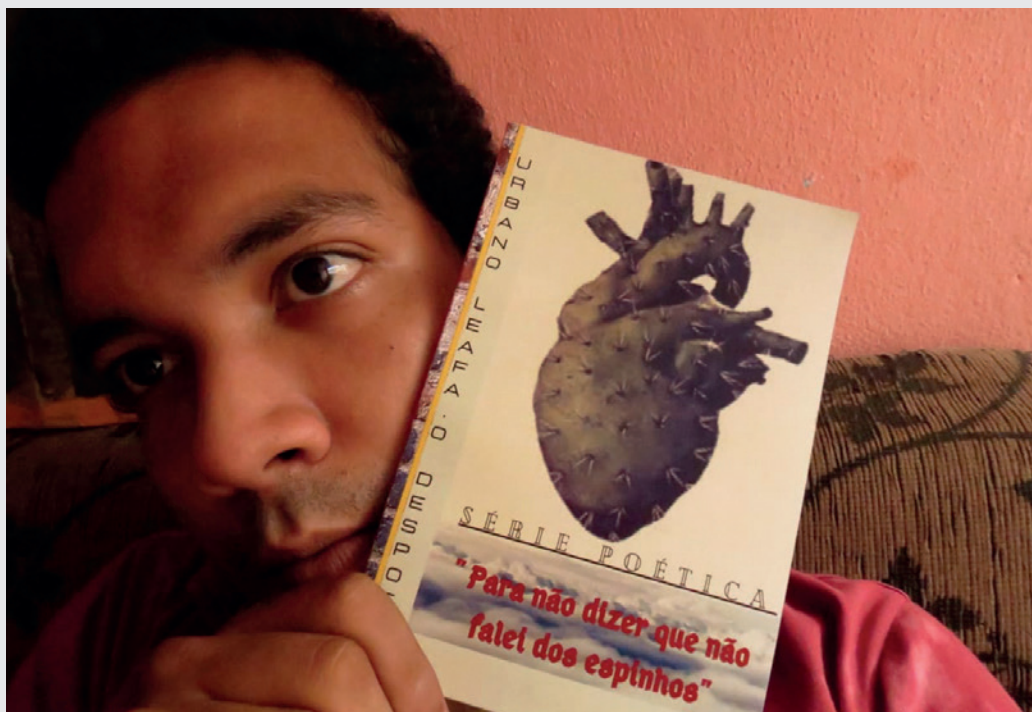
Edital	Foco	Prazo	Link
Quarta Edição do Fundo Aptta	A Quarta Edição do "Fundo Aptta" reconhecerá o projeto selecionado com o recurso de R\$ 5 mil (cinco mil reais). O objetivo é contribuir com ações, atividades e projetos que tenham como causa principal o desenvolvimento e a autonomia da mulher, por meio do trabalho.	Até 15/10/2020	https://prosas.com.br/editais/7720-quarta-edicao-do-fundo-aptta
Edital de Seleção de Projetos Esportivos n 01/2019 - Lei Estadual de Incentivo ao Esporte	O objetivo do edital é selecionar projetos esportivos que tenham como característica essencial a promoção e o fomento ao esporte e à prática de atividade física em Minas Gerais, nas dimensões esportivas previstas no art. 8º do Decreto Estadual 46.308/2013, para atendimento a no mínimo 10 beneficiários.	Até 22/10/2020	https://prosas.com.br/editais/6089-edital-de-selecao-de-projetos-esportivos-n-012019-lei-estadual-de-incentivo-ao-esport
4ª Chamada para Cartas de Intenção (CDI)- Hotspot Cerrado	Fortalecer a capacidade das organizações da sociedade civil para promover a melhor gestão dos territórios e dos recursos naturais e para apoiar outras prioridades de investimento no hotspot. Desenvolver e fortalecer as capacidades técnicas e de gestão de organizações da sociedade civil em matéria de meio ambiente, estratégia e planejamento de conservação, diálogo político, mobilização de recursos, em conformidade com os regulamentos e outros temas relevantes para as prioridades de investimento.	Até 23/10/2020	http://cepfcerrado.iieb.org.br/apoio/editais/

OPORTUNIDADES

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)	O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) abriu a seleção de projetos para o fortalecimento da sociobiodiversidade, envolvendo pequenos e médios produtores rurais, agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais. Entre os objetivos da ação está a valorização do meio rural a partir dos produtos, serviços e processos associados à sociobiodiversidade das comunidades.	Até 31/10/2020	gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/mapa-seleciona-projetos-para-fortalecer-atividades-da-bioeconomia
Recovery of Species on the Brink of Extinction	A National Geographic abre edital que irá apoiar iniciativas nas seguintes linhas temáticas: ações prioritárias específicas e defensáveis para evitar o declínio de uma espécie ou grupo de espécies; projetos que incluem o envolvimento ativo de conservacionistas no início da carreira; projetos que apoiam líderes de conservação dos países em que as espécies ou grupos de espécies ocorrem.	Até 21/10/2020	https://capta.org.br/opportunidades/national-geographic/
Global Resilience Fund for Girls and Young Women	Foi lançado o Fundo Global de Resiliência para Meninas e Mulheres Jovens, para apoiar grupos ativistas neste momento crítico! O fundo apoiará ativistas – incluindo jovens trans, agênero e intersexuais – com doações de resposta rápida flexíveis de até US \$ 5.000.	Enquanto durar a pandemia de Covid-19	https://capta.org.br/opportunidades/global-resilience-fund-for-girls-and-young-women/
Matchfunding Enfrente o corona	A Fundação Tide Setubal, em parceria com a Benfeitoria, abre inscrições para o Matchfunding Enfrente o Corona, plataforma de financiamento de iniciativas de enfrentamento dos efeitos do coronavírus nas periferias brasileiras.	Contínuo	https://capta.org.br/opportunidades/fundacao-tide-setubal/

<p>Ações comunitárias no contexto da pandemia da Covid-19</p>	<p>O Fundo Baobá apoiará organizações sem fins lucrativos ou pessoas físicas negras comprometidas com a equidade racial e engajadas na promoção de ações para a proteção de pessoas e comunidades no contexto da pandemia da Covid-19.</p>	<p>Contínuo enquanto durar a pandemia</p>	<p>https://capta.org.br/opportunidades/fundo-baoba/</p>
<p>Fondo de Acción Urgente</p>	<p>Os Apoios de Resposta Rápida – ARRs é um modelo único de financiamento flexível e de curto prazo criado pelos Fundos de Ação Urgente, para apoiar de maneira estratégica ações que: protegem a diversidade de ativistas e suas organizações, quando elas estão em risco ou ameaçadas por seu trabalho na defesa dos Direitos Humanos e do território e da natureza; ou que atuem pela defesa e promoção dos direitos das mulheres e das pessoas LGBTQ+, estabelecendo precedentes legais, influenciando políticas e/ou promover mudanças nas práticas sociais ou culturais.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://fondoaccionurgente.org.co/es/que-hacemos/apoyos-de-respuesta-rapida/</p>
<p>Toledo Community Foundation</p>	<p>A Toledo Community Foundation é uma fundação comunitária que busca soluções sustentáveis e economicamente viáveis para a geração de energia renovável. Atuando no Centro-Leste dos Estados Unidos, a fundação tem um processo contínuo de seleção de projetos comunitários em todo o mundo que causem impactos sociais positivos e dialoguem com seus princípios: educação “verde”, acesso a energia limpa e a água e desenvolvimento de tecnologias inovadoras e sustentáveis.</p>	<p>Contínuo</p>	<p>https://capta.org.br/opportunidades/toledo-community-foundation/</p>

Raphael Ferreira



Raphael Ferreira, Urbano Leafa. Poeta, escritor, performance, produtor de cultura, de audiovisual e músico. Nasceu na cidade de Caruaru (PE), em 1994.

Lide : "...assassinaram e antes das seis as duas estupraram, outras pessoas até olharam mas não foram ajudar"- Trecho de Sangrias.

Série poética: Para não dizer que não falei dos espinhos - Urbano Leafa.

É uma série criada na página Urbano Leafa, O Despoeta (Facebook), e está disponível em PDF e audiobook pelo site recanto das letras. Foi lançada em setembro pela Cordeditora em formato físico.

O livro fala dos espinhos da sociedade e busca, através das poesias, uma forma de aceitação da dor, mostrando que ela nos ensina a viver.

É o segundo trabalho literário do "Despoeta", que lançou seu primeiro livro em 2017: *Conformar-te; você nunca irá se conformar*, relançado em 2020 pela mesma editora.

contato para compras:

(81) 991771004 - Urbano Leafa.

entrega para todo Brasil pelo sebo baú de livros.